

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (ABRIL 2016)

Com base na **amostra representativa da IACA** (19 empresas, com um peso de 78% da produção associada), constata-se, em **abril de 2016**, uma produção de 186 057 tons contra as 192 758 tons produzidas em abril de 2015, o que representa uma quebra de 3.5% face ao período homólogo do ano anterior, invertendo-se a tendência relativamente altista dos últimos dois meses. Esta evolução ficou a dever-se a baixas em todas as espécies pecuárias (-12.1% nos alimentos para bovinos, -3.8% nos suínos e -6.4% nos outros animais), que não foram compensadas pelo incremento de 1.1% nos alimentos para aves. No entanto, voltamos a ter o problema do número de dias de fabrico, 21 dias em abril de 2015, contra os 20 dias em 2016) mas “a produção está lá”. No entanto, se extrapolarmos os dados, temos uma produção diária mensal, dentro da amostra, de 9 303 tons em abril deste ano, contra os 9 179 tons do ano anterior, o que representa um ligeiro crescimento de 1.4%, claramente impulsionado pelo setor avícola que representa 47% da produção da amostra que aqui monitorizamos mensalmente.

Sem prejuízo dos outros setores – os ovos estão igualmente numa crise de excedentes a nível europeu e o porco está agora melhor, mas ainda longe de cobrir as perdas acumuladas – a conjuntura é agora muito preocupante ao nível dos bovinos, com quebras muito significativas e que se estendem não só ao leite (em grandes dificuldades, como sabemos, e sem melhoria de preços à vista) mas também à carne, com um mercado que também tende a concentrar-se.

Todos temos a noção de que a situação é particularmente difícil. Num contexto altista dos preços da soja e, por arrastamento da colza, os custos da proteína estão em alta e o País confronta-se com uma greve dos estivadores que tem acumulado custos de logística e de aprovisionamento muito elevados, que em nada facilitam, pelo contrário, a nossa recuperação económica. Enquanto os operadores do Porto de Lisboa avançam para o despedimento coletivo e o Governo dá sinais de que se esgotaram as medidas até agora implementadas e que se têm ficado pelos serviços mínimos (em que o nosso Setor tem sido considerado como prioritário), anunciam-se greves de 2 a 6 de junho e prolongamento da greve dos estivadores até 16 de junho. O “braço de ferro” vai seguramente acentuar-se e o Governo tem de fazer a opção clara pela Economia, pela importância estratégica dos Portos, para a importação de matérias-primas e para a exportação, que deve ser um motor do desenvolvimento económico.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	Abril 2015	Abril 2016	Variação (%)
AVES	90 387	91 444	1.2
BOVINOS	42 941	37 729	-12.1
SUINOS	48 243	46 412	-3.8
OUTROS	11 187	10 472	-6.4
TOTAL	192 758	186 057	-3.5

No fundo, se olharmos para os indicadores económicos, em abril, o indicador coincidente para a atividade económica do Banco de Portugal voltou a reduzir, o que acontece pelo quinto mês consecutivo; o consumo privado também diminuiu, as exportações estão em baixa muito devido ao problema de Angola, o desemprego não descola e o país não cresce (registou-se um crescimento homólogo de 0.8% no PIB no primeiro trimestre de 2016), a previsão anual aponta para níveis de 1.5% que, com um consumo privado e exportações em quebra, num quadro de instabilidade que tem impacto no investimento, pode vir a ser revisto ainda em baixa. Um dado positivo tem a ver com a recuperação das exportações europeias em setores como a carne de porco ou a retoma do leite (este ainda sem impacto nos preços) e o bom desempenho ao nível do agroalimentar da UE, o que pode aliviar o mercado português.

Por outro lado, a Alemanha parece descolar e assumir-se como o motor europeu mas é evidente que o futuro da pecuária europeia está na sua afirmação nos mercados externos, nos Países Terceiros, cuja classe média tende a estar mais próxima do modelo de consumo europeu do que do norte-americano.

E isso pode fazer toda a diferença...

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

Toneladas

	2014	2015	2016	VAR% 2016/15
JANEIRO	190 285	183 315	178 747	-2.5
FEVEREIRO	169 253	169 178	178 832	5.7
MARÇO	180 561	194 134	199 933	3.0
ABRIL	185 747	192 758	186 057	-3.5
MAIO	187 486	179 461		
JUNHO	182 590	190 011		
JULHO	201 080	200 223		
AGOSTO	185 549	185 464		
SETEMBRO	186 769	192 131		
OUTUBRO	197 241	201 266		
NOVEMBRO	175 891	190 301		
DEZEMBRO	194 427	197 143		
TOTAL	2 236 879	2 275 385	743 569	0.6

Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos (Valores Acumulados)

Toneladas

	Jan-Abr. 2015	Jan-Abr. 2016	Varição (%)
AVES	335 628	349 504	4.1
BOVINOS	168 204	158 157	-6.0
SUINOS	189 617	190 948	0.7
OUTROS	45 936	44 960	-2.1
TOTAL	739 385	743 569	0.6

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2015	2016	2015	2016	2015	2016	2015	2016
JANEIRO	80	81	42	40	50	47	12	12
FEVEREIRO	76	82	39	39	44	46	11	11
MARÇO	90	95	44	41	48	52	12	12
ABRIL	90	91	43	38	48	46	11	10
MAIO	87		35		47		11	
JUNHO	92		41		46		11	
JULHO	96		45		48		11	
AGOSTO	88		42		45		10	
SETEMBRO	88		44		49		10	
OUTUBRO	91		47		51		11	
NOVEMBRO	87		43		49		11	
DEZEMBRO	86		46		53		11	
TOTAL	1 051	349	511	158	578	191	132	45

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Quanto aos **valores acumulados**, com o desempenho de abril, a produção registou uma notória desaceleração, passando de 2.0% para 0.6%, no período de janeiro a abril, assistindo-se agora a uma subida de 4.3% nas aves, -6.0% nos bovinos, uma relativa estabilidade nos suínos (0.6%) e -2.1% nos outros animais. Em concreto, é a produção de alimentos para aves que está a contribuir para travar a quebra da produção nacional de alimentos compostos em Portugal. Por outro lado, considerando as empresas que integram esta amostra, são 10 (11 no mês anterior) as que melhoram a produção face ao ano transato, representando 56.1% de quota de mercado, contra os 51.4% de 2015, o que significa uma tendência de relativo aumento na concentração da atividade, em linha com as anteriores tendências. No que respeita ao chamado **“mercado livre”**, registou-se, em abril, uma quebra de 12.6%, que decorre naturalmente da descida nos bovinos e “outros animais”, com um acumulado de 5.2%, mostrando, apesar de tudo, uma grande resiliência: o peso dentro da amostra é de 35.1% em 2016, contra os 37.2% de 2015.

Ao nível da **conjuntura dos produtos animais**, no setor **avícola**, o frango vivo situa-se nos 0.85 €/kg de peso vivo, o peru nos 2.10 €/kg carcaça e os ovos com cotações entre 0.60 e 0.72 €/Kg, com tendência de estabilidade, apesar dos preços baixos. Nos bovinos de **carne**, assistimos a uma tendência de manutenção. No **leite**, infelizmente, nada de novo, os preços continuam historicamente reduzidos, com previsões de uma subida de produção, quer na União Europeia, quer no mercado mundial. As exportações dão sinais de alguma retoma mas os preços não “descolam”, esperando-se que o Conselho Agrícola de junho avance com outro tipo de medidas, ao nível de apoios a uma redução voluntária da produção. Nos **suínos**, as últimas Bolsas têm sido marcadas por altas sucessivas, prevendo-se a manutenção desta conjuntura. As nossas principais preocupações centram-se nos preços da soja (e na proteína), num cenário claramente especulativo, e nas consequências da greve dos estivadores e dos Portos na estabilidade do aprovisionamento. Os OGM podem afetar as importações de soja, depois de julho, devido à não aprovação de novos eventos, pelo que é urgente as aprovações como temos feito sentir a Bruxelas. A política e o bom senso (ou falta dele) a interferir com a vida das empresas e a atividade económica...